



# simpósio estadual de AGROENERGIA

IV reunião técnica de agroenergia - RS

## EFEITO DA PODA DE FORMAÇÃO DE DESPONTE NO DESENVOLVIMENTO VEGETATIVO DE PLANTAS DE TUNGUE

Marcel Diedrich Eicholz<sup>1</sup>, Milena Moreira Peres<sup>2</sup>, Ebersson Eicholz<sup>3</sup>, Sérgio Delmar dos Anjos e Silva<sup>4</sup>.

### INTRODUÇÃO

Segundo Reitz (1988) o tungue (*Aleurites fordii* Hemsl) é uma espécie de Clima Temperado, caducifólia, de porte médio, medindo de 3 a 9 metros de altura com ramos robustos e glabros. Pertence à família da Euforbiácea, tendo como provável centro de origem a China.

Além de áreas planas, o tungue é opção para plantio em terrenos declivosos ou acidentados, onde exista impossibilidade de plantio com culturas anuais.

A poda pode contribuir no vigor e aeração da planta, mantendo-a com um porte adequado e tem a função de conduzir a planta a uma forma desejada, facilitar os tratos culturais e regular a alternância de safras (SOUSA, 1986).

Para Vieira Junior (2008), a poda de formação propriamente dita é realizada após o estabelecimento da planta. É executada nos três primeiros anos após o plantio a campo e tem por objetivo garantir uma estrutura forte e equilibrada, com ramos bem distribuídos, para sustentar as safras e facilitar o manejo e a colheita.

Em grande parte das plantas superiores, o desenvolvimento das gemas apicais inibe o crescimento e o desenvolvimento das gemas axilares. Eliminando-se a gema apical, através do desponte, a dominância apical exercida sobre as gemas laterais é eliminada, favorecendo a brotação de gemas axilares (TAIZ & ZEIGER, 2004).

Até o momento não há resultados sobre o efeito do desponte na cultura do tungue. Alguns trabalhos vêm sendo desenvolvidos com poda na cultura do pinhão manso (*Jatropha curcas* L.), espécie também pertencente à família das euforbiáceas (ÁVILA et al, 2008; UNGARO et al, 2008). Segundo Peixoto (1973), o pinhão manso responde bem a poda, apresentando capacidade de rebrota elevada e rápido crescimento dos ramos.

O presente trabalho objetivou avaliar o desenvolvimento vegetativo de plantas de tungue quando submetidas ao desponte.

<sup>1</sup> Mestrando PPGSPAF / UFPel. E-mail. [marcel.eicholz@gmail.com](mailto:marcel.eicholz@gmail.com)

<sup>2</sup> Acadêmico de agronomia FAEM/UFPel, E-mail. [mmoreiraperes@gmail.com](mailto:mmoreiraperes@gmail.com)



## **MATERIAL E MÉTODOS**

O experimento foi conduzido no município de Encruzilhada do Sul/RS, localizado na latitude 30°47' Sul, longitude 52°30' Oeste e altitude de 684 metros.

O plantio foi efetuado em novembro de 2010. O sistema de preparo do solo foi de cultivo convencional. O espaçamento adotado foi de 8,5 m entre linhas e 4,3 m entre plantas. Os tratamentos culturais utilizados foram o controle de plantas daninhas, através de capina, e adubação com 100 g de N-P-K (5-20-20) por planta ano<sup>-1</sup>.

O delineamento utilizado foi de blocos completos casualizados, com 5 repetições e 2 tratamentos. Cerca de um ano após o plantio, foram aplicados os tratamentos às plantas, utilizando o tratamento com desponte e sem desponte. O desponte, realizado na última semana de junho de 2011, consistiu no encurtamento do ramo principal a cerca de 1 m de comprimento, a partir da inserção do tronco, pincelando o local podado com pasta bordaleza.

As características vegetativas foram avaliadas em janeiro de 2011. Mensurou-se diâmetro do caule, medido a 10 cm do colo da planta com auxílio do paquímetro; altura da planta, medido com uma régua graduada do nível do solo ao ápice do ramo principal, altura de inserção dos primeiros ramos laterais, medido com a régua do nível do solo a inserção dos mesmos. O número de ramos primários foi obtido por meio de contagem direta. As variáveis foram avaliadas novamente um ano após a poda, em setembro de 2012.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Na tabela 1 são apresentados os resultados médios relativos às avaliações de diâmetro do caule, altura de plantas, altura de inserção dos ramos primários e número de ramos laterais nas duas avaliações realizadas.

Verifica-se que as plantas que receberam o desponte não diferiram estatisticamente em nenhuma das variáveis analisadas. Observa-se também que o desponte não interferiu nos padrões de crescimento das plantas até setembro de 2012, período em que foram realizadas as avaliações. Isto sugere que o desenvolvimento vegetativo do tungue, em princípio, não é afetado pelo desponte.

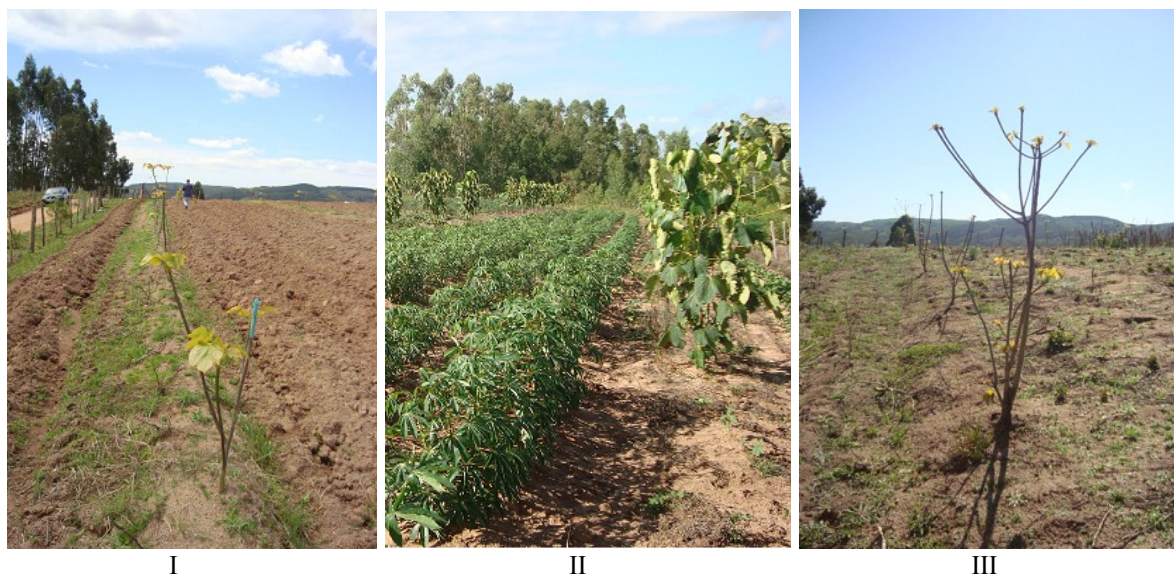
Em relação à altura das plantas, observa-se que não houve diferenças. As plantas submetidas ao tratamento compensaram sua altura com emissão de ramos terminais vigorosos.

**Tabela 1.** Diâmetro do caule, altura de planta, altura de inserção dos ramos primários e número de ramos de tungue, submetidos ao desponte.

Desponte	Diâmetro do caule (mm)		Altura de planta (cm)		Altura de inserção (cm)		Número de ramos	
	2011	2012	2011	2012	2011	2012	2011	2012
Não	39,4 ns	48,7 ns	188,0 ns	201,2 ns	20,8 ns	22,8 ns	3,2 ns	3,7 ns
Sim	36,8	46,7	175,6	194,6	20,0	22,2	3,2	4,0
CV (%)	6,78	7,47	12,02	6,34	29,55	29,27	15,62	23,63

ns: não significativo pelo teste de F a 5% de significância.

Cabe salientar que estes resultados refletem o crescimento das plantas um ano após o desponte, e que estes dados podem sofrer modificações a partir de avaliações futuras.



**Figura 1.** Realização da poda (junho, 2011) - I; Primeira avaliação, tungue consorciado com mandioca (janeiro de 2012) - II; Segunda avaliação (setembro de 2012) -III.

## CONCLUSÕES

O desponte não altera o crescimento de plantas de tungue no primeiro ano.

## AGRADECIMENTOS

Os autores agradecem ao MDA e ao CNPq.

## REFERÊNCIAS

ÁVILA, T. T. DE; LOY, F.; CASAGRANDE JR, J. G.; ANJOS E SILVA, S. D. DOS; ÁVILA, T. DE. **Efeito da poda na floração de pinhão-manso (*Jatropha curcas* L.) no Rio Grande do Sul.** [http://www.cpact.embrapa.br/publicacoes/download/livro/agroenergia\\_2008/Agroener/trabalhos/pinhao\\_manso/Thais\\_avila.pdf](http://www.cpact.embrapa.br/publicacoes/download/livro/agroenergia_2008/Agroener/trabalhos/pinhao_manso/Thais_avila.pdf)

PEIXOTO, A.R. **Plantas Oleaginosas Arbóreas**; São Paulo; Nobel, 1973. 284p.

SOUSA, J. S. I. de; **Poda das Plantas Frutíferas**, Biblioteca Rural, São Paulo, Nobel 14ª edição, 1986.

REITZ, R. Flora Ilustrada Catarinense: **Euforbiáceas** (EUFO). Florianópolis, (1988).

TAIZ, L.; ZEIGER, E. **Fisiologia vegetal**. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 719p.

UNGARO, M. R. G.; MORAIS, L. K. DE; REGITANO NETO, A.; GODOY, I. J. de. Espaçamento e poda na cultura do pinhão manso (*Jatropha curcas* L.). **Anais...** 4º Congresso Brasileiro de Oleag... Lavras, 2008

VIEIRA JUNIOR, H. C.; MELO, B.; **PODA DAS FRUTEIRAS**, 2008. Disponível em <<http://www.fruticultura.iciag.fu.br/poda.html>>. Acesso em 12 set. de 2012.